

Escola Bíblica

Módulo 4 – Discipulado: Colocando a mão na massa!

Aula 17 – A vida de obediência no Reino

www.ipbarreto.org.br/escola-biblica/



DISCIPULADO

A vida de piedade no Reino

Jesus encerra o capítulo 5 demonstrando que os discípulos devem viver uma vida santificada como um espelho da vida do Pai Celestial (V.48), evocando o tema da paternidade de Deus sobre os discípulos, um tema que Jesus irá colocar em destaque no capítulo (v.1,v.4, v.6, v.8, v.9, v.14, v.18, v.26 e v.32). Jesus passa a falar sobre as práticas básicas da vida com Deus – oração, generosidade e jejum – deixando claro como essas práticas precisam ser reorientadas para o Eterno.

Assim como no capítulo 5 Jesus se dedica a desconstruir as interpretações equivocadas e legalistas dos fariseus a respeito das Escrituras, agora o Senhor toma tempo para desconstruir as práticas religiosas dos escribas e fariseus. A crítica de Jesus é que eles jejuavam, esmolavam e oravam apenas para vistos pelas pessoas (v.2, v.5, v.16), fazendo de suas práticas espirituais espetáculos públicos, showzinhos encenados, apenas com o objetivo de serem vistos e reconhecidos pela comunidade no entorno como pessoas piedosas.

O Senhor Jesus deixa claro que antes de tudo e acima de tudo as práticas espirituais dos discípulos tem uma motivação centrada na glória de Deus e não na glória deles mesmos. Tasker afirma que Jesus instrui os discípulos para suas práticas espirituais sejam feitas “sem nenhuma ostentação e sem nenhum desejo de receber louvores dos homens”.¹

Jesus está tocando em uma questão que está antes das práticas em si, apontando para as motivações que nos levam a orar, jejuar e realizar outras práticas espirituais. Jesus está atacando o mal central da hipocrisia farisaica, como afirmou T. S. Elliot “fazer a coisa certa pelo motivo errado”.² Ou seja: ninguém orava mais do que um fariseu, e no entanto a oração não produzia a vida e a justiça de Deus em seu coração por que no aspecto mais secreto e interior sua oração não era para o Eterno, era para si mesmo, para seu engrandecimento, para sua própria glória.

O Senhor Jesus questiona as motivações dos três grandes atos de piedade dos fariseus e escribas: generosidade (esmolas), oração e jejum.³ Ao denunciar as motivações equivocadas dos líderes judaicos – orgulho espiritual, exibicionismo religioso e vanglória – Jesus ao mesmo tempo deixa claro a utilização de um mecanismo de proteção ao qual os discípulos devem recorrer: um anonimato desprezioso.

Dietrich Bonhoeffer chama este movimento de “abscondidade” (do latim “*abscondere*”, que significa “esconder, ocultar, disfarçar”) e chama os discípulos a “olhar para aquele que vai adiante dele e não para si mesmo e para o que faz”,⁴ no sentido de que o discipulado envolve a centralidade de Jesus e não a minha própria. O discípulo é desafiado a sair do centro das atenções para que todas elas se voltem para Jesus.

O sermão do monte aplica a abscondidade de forma maravilhosa na generosidade: quando for abençoar a vida de alguém, faça isso de tal maneira que ninguém fique sabendo (v.1-4). Faça o quanto possível em secreto, sem tentar chamar a atenção para sua própria generosidade. O quanto mais ela passar oculta e despercebida diante dos homens, mais será visível e evidente para o Senhor.

Ao falar sobre oração, o Senhor Jesus conclama os discípulos a orarem em um lugar reservado (v.5-8), como um ato íntimo. É claro que este texto não nos proíbe de orar em público, tendo em vista que a oração pública diante da comunidade e com a comunidade é um elemento litúrgico milenar amplamente presente nos salmos. A questão está na motivação: sustentar uma vida de oração diante dos outros com o fim

¹ TASKER, R.V.G. *Mateus: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1980, p.57

² MANNING, Brennan. *O Evangelho Maltrapilho*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005, p.136

³ CARSON, D. A.: Matthew. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Matthew, Mark, Luke*. vol. 8. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1984, p. 162

⁴ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1980, p.93

de impressioná-los com nossa vida piedosa. Jesus recomenda como santo remédio ao exibicionismo religioso e hipócrita a oração feita com portas fechadas por que o Pai que vê em secreto dará a recompensa (v.6).

Jesus recomenda igualmente a abscondidade ao discípulo quando este for jejuar (v.16-18), de maneira que ninguém saiba sobre o seu jejum exceto ele mesmo. Dessa forma, o Mestre conclama os discípulos a modelar a prática por meio de uma motivação correta: a glória de Deus e não a glória do discípulo. Assim como no caso da oração e da generosidade, há uma promessa para o discípulo no tocante ao jejum: se você estiver com o coração dedicado a agradar somente a Deus com sua prática de piedade, receberá d'Ele sua recompensa.

Nosso Redentor demonstra de maneira inegável que as nossas motivações moldam nossas práticas. Embora uma motivação seja algo invisível, algo interior, a maneira como nos movemos no exterior por meio de nossas práticas é profundamente influenciada por nossas motivações. Desta forma, o Senhor Jesus demonstra que a vida de piedade deve fluir de um coração desejoso de agradar e servir a Deus e de práticas que estão alinhadas com este fim. Novamente, o discípulo é alguém que pensa, sente e age como Jesus, envolvendo os aspectos do coração, da mente e da ação como um todo.

A vida de oração no Reino

O Senhor Jesus coloca no centro da discussão o tema da oração. Com relação a oração em específico o Senhor Jesus menciona dois modelos negativos: os fariseus e os gentios (v.5-8). No que diz respeito aos fariseus, já pudemos compreender que a questão envolve o aspecto da motivação. E qual seria o ponto com relação aos gentios? (v.7,8).

A ideia de “orações repetitivas” pode causar estranheza e incompreensões, tendo em vista que o Senhor Jesus recomendou perseverança na oração (Lc 18.1) e o próprio Senhor repetiu-se orando (Mt 26.44).⁵ A questão só pode ser compreendida se entendermos o contexto que Jesus evoca, pois o Senhor não cita mais os fariseus e o templo/sinagoga como pano de fundo mas sim os templos pagãos, o culto pagão e os gentios. Os gentios não viam a oração como um canal de relacionamento, mas como encantamentos e frases ocultas que, devidamente ditas e repetidas, davam ao adorador certo controle sobre a divindade, envergando-a sobre seus desejos. O culto gentilício era marcado pelo fato de que as pessoas não iam até os templos para se relacionar com os deuses, mas para buscar favores nas mais diversas áreas da vida. Dependendo da necessidade, seria necessário pedir a um deus responsável por aquela área e havia um consenso de que era necessário pedir e repetir até que a divindade fosse compelida pela repetição.⁶ Carson destaca que era típico do pensamento gentilício o fato de que os deuses deveriam ser manipulados por meio encantamento e repetição.⁷

Neste sentido o que o Senhor Jesus está afirmando é que o conteúdo de nossa oração não pode ser moldado por um pensamento gentilício de que basta repetir e repetir e repetir que Deus vai ser inclinado a nossa vontade. Essa maneira de pensar é característica de um pagão: uma pessoa que não conhece a Deus nem compreende sua natureza. Por isso no final Jesus destaca: “Não sejam iguais a eles, porque o seu Pai sabe do que vocês precisam, antes mesmo de o pedirem” (v.8). O discípulo pode e deve vivenciar na oração uma experiência relacional de amor e não reduzir a oração a um balcão de pedidos, de repetições sem fim pois o Pai Celestial está atento e está cuidando.

Dessa forma, Jesus aborda o tema do conteúdo da oração associado a motivação da oração. O discípulo aprende a orar alinhando uma motivação correta com um conteúdo correto na oração. Dessa maneira a oração se torna um lugar maravilhoso de encontro com o Eterno e consigo mesmo e um espaço que envolve petições e necessidades mas que não se resume a isso.

⁵ CARSON, D. A.: Matthew. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Matthew, Mark, Luke*. vol. 8. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1984, p. 166

⁶ CARSON, D. A.: Matthew. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Matthew, Mark, Luke*. vol. 8. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1984, p. 166

⁷ CARSON, D. A.: Matthew. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Matthew, Mark, Luke*. vol. 8. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1984, p. 166